

RELATO DE EXPERIÊNCIA: DESAFIOS PEDAGÓGICOS FRENTE À AVALIAÇÃO EDUCACIONAL, NOS PROGRAMAS SE LIGA E ACELERA EM RIO VERDE-GO

ATAÍDES, Fernanda Barros¹

**¹ Pesquisadora e Prof^a. Especialista em Gestão Escolar, SME, Rio Verde, Goiás,
email:fernandarv.ataides@gmail.com**

RESUMO

O fracasso escolar apresenta um dos mais sérios problemas da realidade educacional e tem sido um grande desafio, a ser enfrentado pela educação formal. No intuito de superar essa realidade a Secretaria Municipal de Educação do município de Rio Verde-GO em parceria com o Instituto Ayrton Senna (IAS), implantou os Programas de Correção de Fluxo (Se Liga e Acelera) entre os anos de 2005 a 2013, com o objetivo de sanar a defasagem idade/ano afim, de melhorar o ensino nas escolas e consequentemente a qualidade da educação. Ao longo deste período pode-se observar vários gargalos metodológicos do programa que se refletiam diretamente na sua taxa de sucesso, dentre eles um dos que se consolidava com muita evidencia era o processo avaliativo que no nosso ponto de vista não refletia os anseios do educador e muito menos as expectativas do alunado. Diante dessa realidade objetivou-se realizar um estudo crítico e reflexivo sobre o currículo, formação docente e avaliação propostas por tais programas, no decorrer dos anos de 2005 a 2013.

Palavras-chaves: Educação. Programas. Correção de Fluxo.

1. Introdução

O fracasso escolar apresenta um dos mais sérios problemas da realidade educacional e tem sido um grande desafio, a ser enfrentado pela educação formal. Os altos índices de repetência, abandono e evasão de alunos nas mais diversas instituições escolares nos mostram o tamanho dessa problemática gerando altos índices de crianças defasadas em relação a idade/ano.

No intuito de superar essa realidade a Secretaria Municipal de Educação do município de Rio Verde-GO em parceria com o Instituto Ayrton Senna (IAS), implantou os Programas de Correção de Fluxo (Se Liga e Acelera), com o objetivo de sanar a defasagem idade/ano afim, de melhorar o ensino nas escolas e consequentemente a qualidade da educação. A parceria público-privada firmada entre Instituto Ayrton Senna (IAS) e o município de Rio Verde-GO, pautava-se na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 9.394/96, artigo 23, conforme essa mesma lei, a educação básica passa a poder se organizar em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na

competência e outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar.

Os programas de Correção de Fluxo propostos pelo IAS, visavam atender grupos de crianças de 9 a 14 anos de idade, de 2º ao 5º anos do ensino fundamental, que vinham de situações de dificuldades de aprendizagens, com históricos de múltiplas repetências e defasagem em relação a idade/ano, no geral eram crianças, que não haviam adquirido as habilidades básicas propostas nos anos anteriores e já não respondiam aos anseios educativos esperados. O programa se dividia em duas categorias, turmas de Se Liga, cujo objetivo era alfabetizar alunos com distorção idade/ano matriculados até o 5º ano do Ensino Fundamental e turmas de Acelera, que buscava corrigir o fluxo escolar dos alunos com garantias de aprendizagens, salto nos anos e prosseguimento nos estudos com sucesso, frequentando o ano adequado á sua idade.

Para um bom desempenho das aprendizagens dos alunos e sucesso ao final do ano letivo, havia toda uma exigência por parte do IAS, as turmas deveriam ser compostas por no máximo 25 alunos, as enturmações após a aplicação de um teste diagnóstico de alfabetização disponibilizados pelo IAS, os quais os alunos eram classificados em alfabetizados e não alfabetizados, reuniões de planejamentos quinzenais, supervisor na sala de aula por quatro horas uma vez por semana, formação inicial e continuada de professores, material didático específico, rotina escolar estruturada em um fluxo de aulas e matrizes de habilidades preestabelecidas e avaliações prontas e acabadas, ou seja, bastava o professor seguir tais exigências para obter sucesso nos resultados.

Diante dessa realidade se observou a necessidade de realizar um estudo crítico e reflexivo sobre o currículo, formação docente e avaliação propostas por tais programas, no decorrer dos anos de 2005 a 2013, o qual atuei como professora e supervisora. Portanto, espera-se com este trabalho contribuir com melhores práticas de ensino, assim como pautar os principais anseios e dificuldades enfrentadas pelos professores frente as exigências propostas pelo Instituto Ayrton Senna no exemplo de Rio Verde-GO.

2. Metodologia

A presente pesquisa se caracteriza como sendo um relato de caso sobre os programas de Correção de Fluxo propostos pelo Instituto Ayrton Senna (IAS), Se Liga e Acelera, dentre os anos de 2005 a 2013. A pesquisa se caracteriza como sendo do

tipodescritiva e explicativa, tendo um tipo de abordagem qualitativa pelo método estudo de caso.

3. Programas de correção de fluxo Se Liga e Acelera: desafios pedagógicos, experiências enfrentadas no município de Rio Verde-GO

A implantação dos Programas de Correção de Fluxo Se liga e Acelera em Rio Verde-GO, surgiu como uma medida pedagógica emergencial para alunos defasados na busca de soluções de problemas educacionais, ligados a múltiplas repetências, abandono e evasão escolar que refletiam em fracasso escolar.

O fracasso escolar, de acordo com Charlot (2005), se constrói no dia-a-dia da sala de aula e deve-se considerar que as práticas pedagógicas são muito importantes, pois muitas vezes esse fracasso é construído quando o estudante não entende nada e o professor continua ensinando da mesma forma, sem se aperceber da dificuldade dele.

Segundo Oliveira (2000) a repetência é a principal causa da distorção, por que o estudante, uma vez reprovado, poderá permanecer com essa distorção por toda sua vida escolar.

Considera que as práticas pedagógicas desenvolvidas na prática do professor são preponderantes para se obter sucesso no processo de ensino aprendizagem. Diante de tais argumentos o Instituto Ayrton Senna (IAS) propunha uma formação inicial para todos os professores, supervisores e coordenador local, do Programa Se Liga e Acelera, com o objetivo de melhorar e orientar práticas pedagógicas e metodológicas a serem desenvolvidas no decorrer do ano, práticas pedagógicas estas, pautadas em elevar a autoestima dos alunos, que aconteciam quinzenalmente; os professores, se reuniam com supervisores e o coordenador local para discutirem ações do planejamento, exporem dificuldades encontradas, anseios, temores, enfim, um momento riquíssimo de trocas de experiências entre pares onde se buscavam a autoformação pessoal e profissional.

A autoformação encontrasse tão bem defendida por vários estudiosos, onde os mesmos ressaltam que os professores, após conclusão de seus cursos de graduação, precisam buscar sua autoformação e atualização, utilizando, para isso, diferentes recursos, como, por exemplo, cursos, leituras e diálogo entre pares. A autoformação se torna necessária porque, por um lado, nenhuma formação termina com os cursos e nem se constrói apenas nele. O professor precisa estudar, ler, pesquisar, analisar e refletir.

Muitas críticas eram feitas quanto às propostas pedagógicas das turmas de Se Liga e Acelera determinadas pelo IAS quanto a rotina das aulas, planejamentos

rígidos, material didático específico e avaliações prontas e acabadas com foco em resultados. Os livros dos alunos eram adquiridos pelo município de Rio Verde a altos custos junto ao IAS, os professores deveriam seguir as aulas propostas nos livros dos alunos, de acordo com um fluxo de aulas, ou seja, o material já estava pronto, o professor era apenas um mero executor das aulas preestabelecidas, os mesmos não tinham autonomia para desenvolver outras atividades que julgavam necessárias ou importantes, em determinado momento para determinado aluno, quando o professor, deixava de seguir o fluxo das aulas gerava uma problemática, pois o aluno ficava defasado diante das aulas e conteúdos já preestabelecidos, sendo prejudicados nas avaliações. Diante de tais situações os professores se viam de pés e mãos atadas, de um lado um fluxo de aulas a ser seguido, de outro, alunos com dificuldades de aprendizagens necessitando de atividades diferenciadas de acordo com suas individualidades. Logo em uma percepção coletiva entre os professores participantes dos programas de correção de fluxo, simplesmente não levavam em consideração a realidade dos alunos, ensinava-se por quantidade e não por qualidade.

Contrapondo essa ideia do professor ser um mero executor de atividades preestabelecidas Giroux (1997) conceitua o professor como sendo um intelectual transformador e a escola como espaços públicos onde os estudantes aprendem o conhecimento e as habilidades para viver em uma democracia autêntica. Quanto aos materiais prontos recebidos pelos professores esse mesmo autor, ressalta que: Estes materiais promovem a incapacitação dos professores ao separar concepção de execução e ao reduzir o papel que os professores desempenham na real criação e ensino destes materiais. [...] os professores são reduzidos ao papel de técnicos obedientes (GIROUX, 1997, p. 35).

Dentro desta temática, observamos que não basta apenas oferecer materiais prontos aos professores, deseja-se que os mesmos tenham autonomia para trabalhar conteúdos que acreditem ser essenciais e importantes participando e fazendo intervenções necessárias de acordo com as demandas e especificidades da turma e assim construir um alicerce de novas aprendizagens, sendo protagonista na construção de uma educação de qualidade.

O processo avaliativo dos referidos programas de correção de fluxo acontecia por meio de realizações de avaliações, as provas eram elaboradas pelo IAS sem nenhuma participação dos professores, após as avaliações os mesmos preenchiam fichas de habilidades adquiridas, onde não havia notas, logo os alunos eram avaliados por

meio de matrizes de habilidades. Além das avaliações do IAS, os professores acompanhavam o desenvolvimento dos alunos por meio da construção de um portfólio, onde registravam o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos, também existia uma ficha de acompanhamento mensal, o qual, os professores preenchiam destacando o nível que os alunos se encontravam em leitura e escrita, os dados coletados eram inseridos no SIASI (Sistema de dados do IAS), que registrava informações educacionais, ou seja, por meio do SIASI monitoravam-se todos os passos das instituições escolares enviando relatórios de análises e intervenções que se julgavam importantes para melhoria da qualidade da aprendizagem e sucesso do aluno. Diante do exposto faço a seguinte indagação: Até que ponto os relatórios de análises e intervenções feitos pelo IAS eram úteis ao professor para dar melhores aulas e aprimorar sua prática pedagógica? Na maioria das vezes os professores se sentiam fracassados frente a esses relatórios pois os mesmos deixavam a entender que os péssimos resultados de uma determinada turma era de responsabilidade do professor, não levando em conta outros fatores intra-escolares (currículos, programas de ensino, avaliações de desempenho do aluno entre outros), ou seja, as práticas avaliativas do Se Liga e Acelera eram ultrapassadas frente a falta de clareza quanto a realidade educacional, propunham avaliações e intervenções sem conhecerem a realidade dos alunos baseando-se apenas em dados coletados. Portanto as fichas de habilidades por si só, não representa um avanço no processo avaliativo e mostra tão classificatório e seletivo quanto as notas, caracterizando por avaliações sumativas orientadas a atribuição de classificação.

Vários autores chamam a atenção dizendo que a razão de ser da avaliação educativa não é classificação ou a retenção de alunos, mas a identificação do estágio de compreensão e assimilação do saber pelo educando, junto com as dificuldades que este encontra, bem como os fatores que determinam tais dificuldades, com vistas à adoção de medidas corretivas da ação.

Assim sendo, padronizar conteúdos e avaliações não vão assegurar aprendizagem homogênea, cada ser é único, com suas especificidades, com ritmos de aprendizagem diferentes, logo, precisamos promover avaliações que promovam a diminuição das desigualdades e aumento na qualidade da educação.

Segundo Fernandes (2005) a avaliação é um processo eminentemente pedagógico, plenamente integrado no ensino e na aprendizagem, deliberado, interativo, cuja principal função é a de regular e de melhorar as aprendizagens dos alunos. Ou seja, é a de conseguir que os alunos aprendam melhor, com compreensão, utilizando e

desenvolvendo as suas competências, nomeadamente as do domínio cognitivo e metacognitivo.

O importante é que o professor faça parte do processo de construção das avaliações, tendo liberdade e autonomia para atuar e não ficando a mercê de órgãos internos, contribuindo para o desenvolvimento de sistemas educativos mais democráticos, levando em consideração, fatores que as avaliações estandardizadas são incapazes de medir fatores essenciais para vida como: ensinar o aluno a respeitar, pensar, refletir, viver em sociedade tornando cidadãos críticos conscientes de seus direitos e deveres.

4. Considerações Finais

Conclui-se que as práticas avaliativas utilizadas nos Programas de Correção de Fluxo Se Liga e Acelera Brasil em parceria com o Instituto Ayrton Senna (IAS) eram bastante falhas, com características quantitativas e sumativas com intuito apenas de classificar alunos em bons ou maus acerca do seu desempenho escolar. Por mais que não existisse nota nos Programas o simples fato de avaliar por meio de fichas de habilidades tornava o processo avaliativo excludente, era a partir dessas avaliações que os professores faziam um levantamento do que os alunos sabiam ou eram capazes de fazer. O fato das avaliações serem elaboradas pelo IAS, chegando aos professores prontas e acabadas tirando completamente a autonomia do professor. O processo avaliativo deve ocorrer em contextos reais da sala de aula para que o aluno possa aprender melhor, ou seja, o ensino tem que estar integrado na avaliação.

5. Referências

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação de professores e globalização:** questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais:** rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

OLIVEIRA, J. B. A. E. **A pedagogia do sucesso:** uma estratégia política para corrigir o fluxo escolar e vencer a cultura da repetência. São Paulo: Saraiva; Instituto Ayrton Senna, 2000.

FERNANDES, D. (2005). Avaliação alternativa: perspectivas teóricas e práticas de apoio. **In:** Futuro Congressos e Eventos (Ed.), livro do 3º Congresso Internacional sobre Avaliação na Educação, pp. 79-92. Curitiba: Futuro Eventos.